PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 98 JUNHO 1975 XI ANO

NESTE NÚMERO

Tramas Fascistas

As últimas semanas têm sido pródigas em notícias ácerca de novas tramas dos generais fascistas. Além de comentários amargos nos bastidores do governo e da oposição emedebista, que vêm a público, porta-vozes do Sistema prenunciam o endurecimento do regime com a adoção de medidas ainda mais drásticas. Delineia-se uma séria crise. Políticos de vários Estados mobilizam-se tentando contornar a situação. Geisel toma a atitude de quem não sabe se vai ou se fica.

O pano de fundo dos acontecimentos que se desenrolam em reuniões no Alto Comando e no Palácio do Planalto não é, como em 1968, um ascenso poderoso do movimento de massas que assinalou o princípio do fim de Costa e Silva. Conquanto se observe certo impulso nas lutas populares, seu nível atual está aquém do daquela época. Presentemente, o que dá tonalidade às preocupações dos maiorais fardados é o crescimento em extensão e profundidade do repúdio da nação, sob distintas formas, ao regime implantado com o golpe de 1° de abril. Não somente o resultado das eleições de 15 de Novembro testemunharam esse repúdio. Também o comprovam fatos como o recente manifesto da intelectualidade condenando a censura; o protesto dos artistas à proibição de peça teatral de Plínio Marcos; uma dezena de combativas greves estudantis; os reclamos insistentes da classe operária em face dos salários de fome; as dificuldades no campo em aumento; a enorme repercussão alcançada pelas denúncias de torturas e assassinatos de presos políticos; a desmoralização e as derrotas do partido oficial – a ARENA; a simpatia crescente pela luta guerrilheira do Araguaia; a condenação maciça do AI-5, do Decreto 477 e da Lei de Segurança; o ódio concentrado nos militares. Este sentimento de oposição à ditadura, que se expande com vigor sempre maior – eis o que incomoda, tira o sono ou se converte no pesadelo dos generais.

Na cúpula das Forças Armadas, detentoras do poder real, surgem acusações à política do Geisel e Golberi – ambos generais reaccionários e expoentes do golpe de 64, ambos tentando a institucionalização do fascismo – aos quais se procura atribuir responsabilidade pela presente conjuntura. Eles são incriminados de permitir que o descontentamento se revele em escala desmoralizante para a contra-revolução, de enfraquecer o sistema repressivo, de adotar atitude complacente na área política, embora Geisel continue aplicando o AI-5, mantendo a censura à imprensa, prendendo e matando patriotas. Em assência, as acusações refletem o pensamento dominante dos altos escalões militares de que, para sobreviver, o regime tem que apertar constantemente as cravelhas da repressão e fazer restrições cada vez maiores aos direitos do cidadão.

Estas recriminações, que culminaram em ameaças, afetaram os planos pretensamente distensionistas de Geisel e sua camarilha. Confundindo os que embarcaram na canoa furada das promessas palacianas, o ditador apressou-se a declarar que jamais falara em "abertura". Usara, quando muito, o termo distensão que o ministro da Justiça procurou definir como um processo lento, gradual e a longo prazo de pequenas modificações no Sistema. Reiterou ainda, enfaticamente, que utilizará os actos de exceção até o final do seu mandato. As pressões, porém, continuam com a exigência da saída de Golberi do posto que ocupa e de uma remodelação na equipe governamental, assim como da contenção do MDB e de outras forças oposicionistas. Geisel manobra. Não está em condições de desfazer de imediato o esquema político que montou e vem pondo em prática. Tenta ganhar tempo e conseguir apoio para levar adiante sua tarefa que nada tem de democrática e liberalizante.

Em socorro de Geisel, acode pressuroso o MDB. Pouco a pouco, esse partido vai abandonando a postura formal de oposição ao governo. Até sua ala denominada "autêntica", indiscutivelmente empenhada na luta pela democratização do país, repete a cada instante que está com Geisel, supostamente comprometido com a volta ao Estado de Direito. Não há muito – e tal foi seu slogan na campanha eleitoral do ano passado – o MBD dizia lutar por soluções radicais, cirurgicas, no plano político, que pusessem fim ao regime de exceção. Atualmente, abandonou esse objetivo. Afirma não existirem condições para isso. Embora apresente um programa de reforma constitucional, com finalidade propagandística, que inclui certas reivindicações democráticas, anuncia seu proposito de engajar-se no passo-a-passo enganoso de Geisel. Se não pode haver "abertura" que haja ao menos "distensão"... esse o seu lema. E assim arrefece sua luta contra o AI-5 e o Decreto 477, contra a turtura, o assassinato de presos políticos e as violências generalizadas a fim de não ferir a sensibilidade à flor da pele, antidemocrática, dos gorilões das Três Armas. Encolhe-se temeroso da vindita dos militares ou acena ridiculamente com a pretensão de atraí-los como se, agachando-se politicamente, acalmasse o furor dos fascistas, e garantisse condições para uma saída democrática. Quanto mais, porém, fizer concessões e baixar o tom da oposição ao regime, mais estimulará o arbítrio e favorecerá a atuação dos inimigos da liberdade.

Todos estes fatos mostram que os generais não estão dispostos a respeitar a vontade da nação, aferram-se à ditadura. E mais: conspiram para reforçar o jugo da tirania. Mostram igualmente que o caminho para conquistar a liberdade e liquidar o regime despótico não pode ser o do alinhamento com Geisel, com alas militares reacionárias, com turturadores e assassinos. Ou o de alimentar ilusões em "aberturas" e "distensões" insubsistentes, simples engodo destinado a perpetuar a noite de opressão em que vive o país.

O que se impõe é a união de todos os patriotas e democratas, a acão comum, firme e enérgica contra o injusto sistema predominante. É preciso erguer bem alto a bandeira da Assembleia Constituinte livremente eleita, da Abolição de todos os Atos e Leis de Exceção, da Anistia Geral que constitui a única saída para a situação atual e corresponde aos sentimentos profundos da nação. Os generais podem recorrer a violências ainda maiores, cometer crimes mais infames. Isto não os salvará da derrota; bem ao contrário, aproximará o seu fim.

Eles se isolarão em nível acentuado, atrairão o ódio sagrado do povo. Como indica o Partido Comunista do Brasil: "Se a maioria dos brasileiros unir-se e lutar decididamente de variadas formas nas fábricas e sindicatos, nas escolas e centros acadêmicos, nas fazendas e vilas, nas cidades e no campo, no parlamento, no púlpito, no teatro, nos cárceres, nos quartéis, nas ruas, nas selvas do Araguaia e onde seja possível, a sorte do regime militar-fascista estará definitivamente selada".

Este, sem dúvida, o caminho que conduzirá à vitória.

ABAIXO A DITADURA MILITAR–FASCISTA!

POR UMA CONSTITUINTE LIVREMENTE ELEITA!

PELA ABOLIÇÃO DE TODOS OS ATOS E LEIS DE EXCEÇÃO!

POR ANISTIA GERAL!

Viva Moçambique INDEPENDENTE!

– Mensagem enviada pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Ao Comitê Central da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)
Ao Presidente Samora Machel

Por motivo da conquista da independência nacional, cuja proclamação terá lugar a 25 de junho, apresentamos à FRELIMO e por seu intermédio a todo o povo de Moçambique nossas mais efusivas congratulações. Saudamos o acontecimento com grande entusiasmo compreendendo sua significação histórica dentro do panorama africano e no quadro da luta mundial contra o colonialismo, o neocolonialismo e o racismo, contra as diferentes formas de espoliação e domínio imperialistas. A bandeira da completa emancipação, da soberania, da liberdade e dos novos tempos tremula agora, sobranceira, em terras moçambicanas. Isto alegra as forças democráticas do Brasil. Alegra, em particular, os marxistas-leninistas, combatentes da causa dos explorados e oprimidos.

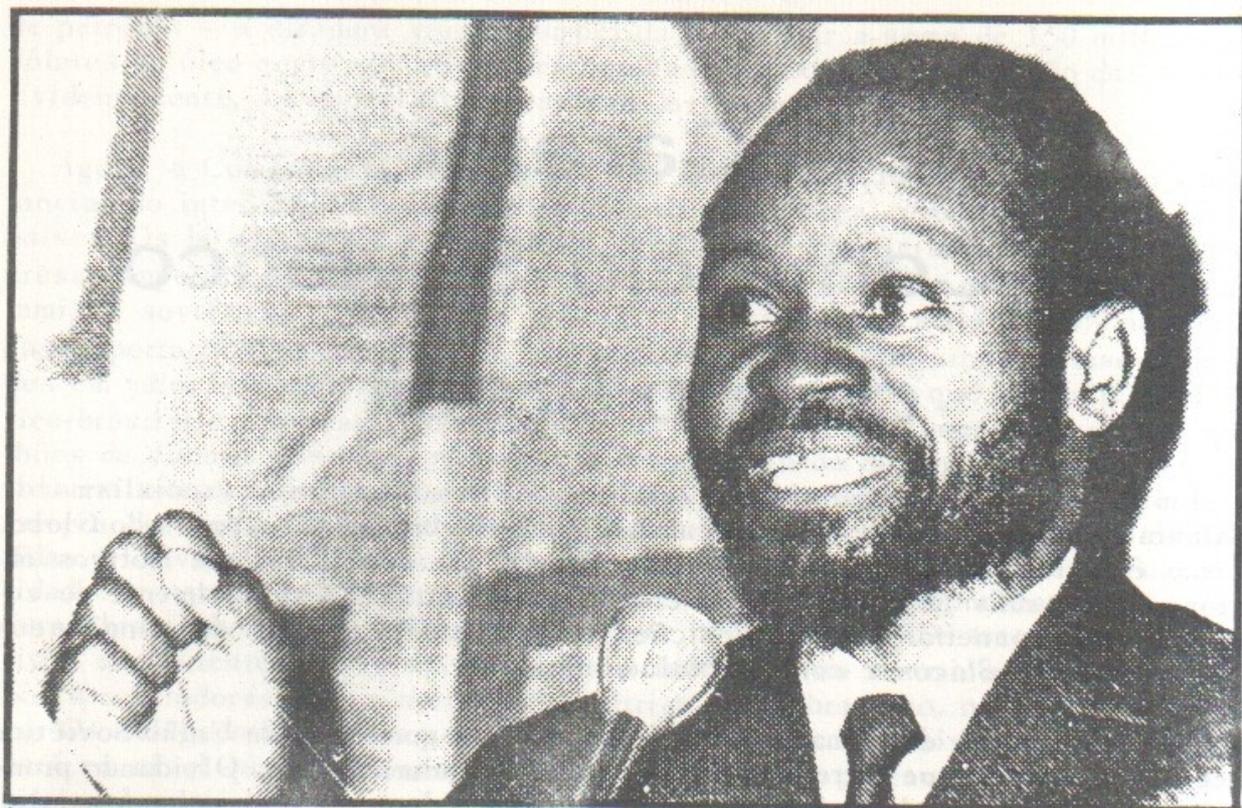
Durante séculos a dominação colonial portuguesa escravisou o povo de Moçambique. Serviu-se largamente das fontes de riqueza do país africano, tirou abundante proveito do trabalho de seus filhos. Manteve, porém, na ignorância e no obscurantismo as grandes massas da população negra, negou-lhes os mais rudimentares direitos. As aspirações à independência e a uma vida digna eram sufocadas cruelmente. Nos últimos cinquenta anos, em especial, o salazarismo, de braços dados com a alta hierarquia da Igreja Católica, extravasou todos os limites na repressão sangrenta ao movimento emancipacionista. Portugal dos reacionários e fascistas queria manter a ferro e fogo suas colônias em plena época da transição de mundo para o socialismo.

O povo moçambicano, porém, desfez-lhe as ilusões, derrubando o jugo colonial. Sua luta durou longo periodo. Com a criação da FRELIMO, no início da década de 60, chegava à nova etapa. Desde então avançou aceleradamente o processo de unificação das massas populares. E dois anos mais tarde, os primeiros combatentes palmilhavam decididos o único caminho que leva à libertação – o caminho da luta armada. Surgiram e se multiplicaram os núcleos guerrilheiros, contando com o apoio e a simpatia da população oprimida. Travaram-se inúmeros combates. Deles saíram mártires e heróis que escreveram com seu próprio sangue brilhantes páginas da história pátria. A guerra popular estendeu-se por mais de dez anos, cheios de abnegação e sacrifícios, de reveses e de vitórias. As forças salazaristas foram esmagadas, os odiados colonialistas portugueses capitularam. Esta luta contribuiu também para a derrocada do fascismo em Portugal. A liberdade aí conquistada é produto, em grande parte, do esforço he-

rõico desenvolvido pelos patriotas de Moçambique, Angola e Guiné Bissau, em prol da independência nacional.

A FRELIMO mostrou-se à altura da situação. Soube compreender o verdadeiro rumo dos acontecimentos. Empenhou-se na organização e mobilização popular, preparou quadros e dirigiu com acerto a luta armada. Não se deixou envolver nas malhas da chamada evolução pacífica nem se confundir ante as manobras tentadas pelo carrasco António Spínola que procurava sujeitar sob outras formas a nação africana. Definiu com clareza e perspicácia os objectivos a perseguir: "Conquistar a independência completa, instalar um Poder Popular, construir uma Sociedade Nova sem exploração, para benefício de todos aqueles que se sentem moçambicanos" (Samora Machel).

mmA vitória alcançada em Moçambique é altamente promissora para todos os povos de língua portuguesa. Brasil e Moçambique são países que se identificam no idioma, em certas tradições, em vários aspectos da cultura, na própria origem racial. Identificam-se também na luta comum contra o imperialismo e a reação. Apesar de que a independência do Brasil do jugo português tenha sido proclamada há 153 anos, essa independência não chegou a consolidar-se nem se alicerçou numa profunda reforma agrária que pusesse fim aos restos feudais e coloniais. Sessenta e seis anos depois da emancipação ainda subsistia a escravidão negra no Brasil. Devido à inconsequência das classes dominantes e a sua conciliação com interesses contrários aos da nação, não demorou muito para que o país caísse novamente na dependência estrangeira. Primeiro foram os ingleses, depois os norte-americanos que estenderam seu domínio nestas plagas. Estes, sobretudo, espoliam os grandes recursos naturais, exploram econômica e financeiramente a nação. O progresso existente, de fachada, beneficia uma minoria e é construído à custa da feroz exploração dos trabalhadores das cidades e do campo. O povo brasileiro jamais gozou de efetiva liberdade. Os governos que não convêm ao imperialismo ianque são derrubados. E há onze anos impera uma ditadura militar-fascista que adota orientação antipopular e antinacional. Por isso, continua na ordem do dia a conquista da verdadeira independência, a libertação do jugo dos trustes emonopólios estrangeiros, a instalação de um Poder Popular.

Brasileiros e moçambicanos encontram-se assim, na mesma liça, lutando ambos por construir uma pátria livre, desenvolver a economia de seus paísesem favor da imensa maioria da população, edificar o progresso social, fazer avançar a cultura, assegurar a liberdade para o povo, estruturar regimes políticos consequentemente democráticos. Moçambicanos e brasileiros têm interesses comuns no combate sem tréguas ao imperialismo, quaisquer que sejam as formas com que se revista, no desmascaramento da reação e do fascismo, na condenação das discriminações raciais, na firme oposição a toda a tentativa de subjugação dos povos por meios enganosos ou através da guerra de agressão. Os moçambicanos, porém, conquistaram a independência, fizeram triunfar a revolução. Nós, brasileiros, empenhamo-nos ainda na tarefa de liquidar a dependência em que se encontra o país, de fazer a revolução nacional e democrática, agrária e antimperialista.

É necessário estreitar os laços de amizade e ajuda mútua entre nossos povos. Os governantes brasileiros sempre apoiaram Portugal na sua política fascista e colonialista. Ainda agora o Brasil é refúgio de antigos opressores portugueses. Mas as forças democráticas e populares condenaram incessantemente os governos de Salazar e Caetano, seu banditismo na África. O Partido Comunista do Brasil, marxista-leninista, é partidário das relações de povo para povo em todos os seus aspectos. Embora perseguido e na clandestinidade, expressa os interesses das massas trabalhadoras de nosso país, é uma força atuante no cenário nacional, um combatente resoluto da causa democrática. Deseja, assim, maior aproximação com a FRELIMO e com as organizações populares e culturais de Moçambique.

Exprimindo seu júbilo pela independência de Moçambique e pela criação do "Poder Popular para servir as Massas", o Partido Comunista do Brasil augura à FRELIMO e ao novo governo êxitos cada dia maiores no esforço ingente de cicatrizar as chagas do colonialismo, de superar a terrível herança de pobreza e obscurantismo deixadas pelos colonialistas portugueses. O fato de a independência ter sido alcançada em dura luta é uma garantia de que tal sucederá e de que a construção da nova vida avançará sem interrupções.

Viva Moçambique, livre e independente!
Viva a Frente de Libertação (FRELIMO)!

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Cárater do Comércio Soviético com o Brasil

Em seu afã expansionista, o social-imperialismo soviético (socialismo de palavra e imperialismo de fato) lança suas garras sobre todas as áreas do Globo. Como é lógico, volta-se também para o Brasil, que considera, por motivos óbvios, o país mais importante da América Latina. Através especialmente do comércio, tenta penetrar e firmar posições em nossa pátria, a fim de atingir seus objetivos hegemônicos e contra-revolucionários.

Não por acaso e de forma paradoxal, o interesse comercial da União Soviética acentou-se depois que entre nós foi instalada a ditadura militar. Olvidando prontamente haver estimulado ilusões de que, sob a liderança nacional-reformista, o Brasil ver-se-ia em breve e de modo pacífico liberto da tutela imperialista, a camarilha dirigente do Cremlim, assim que João Goulart foi derrubado do governo, apressou-se a reconhecer a ditadura dos generais brasileiros, abertamente pró-ianque e antipopular. Logo a seguir, enviou seu ministro do comércio exterior, Patolichev, para negociar um acordo de 200 milhões de dólares com o governo de Castelo Branco. Desde então, numerosas transações vêm sendo feitas, várias delegações dos dois países entrecuzaram-se, assim como foram organizadas exposições de produtos soviéticos em cidades brasileiras e de artigos do Brasil em Moscou, cercadas de plenas garantias, isentas do risco de demonstrações de repúdio das forças democráticas, como as ocorridas por ocasião da Expo-73 em Bruxelas. Roberto Campos, um dos principais mentores da política de exportação alardeada pela ditadura militar, o primeiro a pugnar pela "abertura para o Leste" e a chefiar uma missão à URSS, após 1964, continua pontificando. Por sua vez, os cabecilhas do revisionismo soviético se desmancham em elogios e mesuras, amiudam as mensagens congratulatórias e remetem presentes aos generais no intuito de estreitar sua colaboração com os reacionários do nosso país.

Apesar disto, os negócios não deslanchavam. Em suas fracas transações comerciais com o regime militar, a União Soviética, até 1973, teve saldos desfavoráveis. Conseguiu nesse periodo apenas um saldo positivo na balança de serviços. A começar, porém, de 1974, em decorrência da chamada crise do petróleo, houve inversão no processo, isto é, o volume das exportações para a referida superpotência tornou-se menor que o das importações. Segundo a Braspetro — empresa estatal que vem centralizando o comércio exterior brasileiro

de petróleo – a ditadura viu-se compelida a adquirir a soma de 150 milhões de dólares de óleo negro soviético, determinando a alteração na posição das trocas. Evidentemente, as expectativas estavam melhorando.

Agora, a Comissão Mista Brasil–URSS anuncia que haverá incremento substancial do intercâmbio e também equilíbrio da balança comercial entre os dois países. Os latifundiários e os grandes capitalistas brasileiros, bem como as emprêsas imperialistas aqui instaladas,que já vendiam diversas mercadorias a seus 'amigos soviéticos' (os produtos primários representavam mais de 90% na pauta das exportações), pretendem que estes comprem igualmente produtos manufaturados em valor e volume expressivos.As duas partes estimam que o comércio soviético-brasileiro duplicará, passando de 250 milhões, atualmente, para 500 milhões de dólares. De conformidade com a ata assinada no final do encontro mantido em março p. passado, em Brasília, a União Soviética prometeu aumentar a compra de manufaturados, tendo formalizado contratos para a aquisição de partidas relativamente grandes de calçados, tecidos e confecções, além de boa quantidade de cacau, pedras preciosas e couro. De seu lado, representantes do govêrno brasileiro manifestaram o desejo de comprar na URSS tratores e respectivos componentes, equipamentos para a indústria, do mesmo modo que turbinas e geradores para a usina hidroelétrica de Sobradinho, no rio São Francisco. Os delegados dos dois governos concordaram que o atual intercâmbio "ainda está em nível que não corresponde às possibilidades potênciais do mercado brasileiro e soviético, representando uma pequena parcela do volume do comércio exterior de ambos os países". Afirmaram , no entanto, sua esperança de que, após a conclusão das negociações relativas a Sobradinho "surjam possibilidades de transações semelhantes para o futuro". Isto soou para todos os observadores como uma alusão às grandes obras de Itaipu, que excitaram o apetite do social-imperialismo russo sobre os recursos do Brasil e da Bacia do Prata.

No convênio que acaba de ser firmado, o importante problema dos preços ficou mais uma vez sem o devido esclarecimento. Nesse assunto, os imperialistas soviéticos costumam afivelar a máscara da generosidade, de amigos desinteressados. Para poder penetrar em determinado país, estabelecem o que eles mesmos classificam de "preços políticos", quer dizer, preços que facilitem a conquista de mercados e a liquidação dos possíveis concorrentes. Alcançada a penetração, e depois de bem situados, começam a mostrar sua verdadeira face de rapina e opressão. Que o digam os povos da Europa Oriental, sofrendo sob seu guante. Também não se sabe se o intercâmbio com o Brasil continuará sèndo feito em moeda inconversível, o que sempre constituíu motivo de descontentamento dos exportadores brasileiros e deu nítidas vantagens aos compradores soviéticos.

Como se nota, tudo nesse comércio é aparentemente normal. E se se tiver em conta a existência da crise econômica do mundo capitalista e do revisionista, a coisa se afigura excelente para a ditadura militar, quase afogada no mar das dificuldades econômicas e financeiras, e desesperada em busca de mercados para seus produtos de exportação e de divisas para pagar suas dívidas. Além disso, existe uma opinião generalizada entre os patriotas de que o Brasil precisa libertar-se do intercâmbio desigual que o atrelou por mais de um século à Inglater-

ra é que, após a II Guerra, o deixa amarrado aos Estados Unidos. O caminho de sua emancipação reclama, sem dúvida, a obtenção de novos mercados, a diversificação de suas exportações, um comércio igual e reciprocamente vantajoso. Alguns setores progressistas chegam a apontar o comércio em termos de igualdade e benefícios mútuos como o principal motor da causa da paz entre os povos enfatizando que deve ser destituído de implicações políticas, realizado sem condicionamentos que atentem contra os interesses e a soberania das nações, grandes ou pequenas.

Essas teses, porém, devem ser postas em confronto constante com a realidade dos fatos. Enquanto a humanidade não se libertar do sistema capitalista e imperialista, o comércio não terá nada de neutro, de categoria sem conteúdo espoliativo. Ao contrário, continuará como poderosa arma de extorsão e submissão dos mais fracos em mãos dos mais fortes economicamente. Haja vista os bloqueios, as pressões, os "dumpings" e os demais meios, inclusive a guerra, para liquidar os concorrentes e/ou adversários. Tanto assim que hoje, em escala mundial, um dos mais importantes aspectos da luta emancipadora das nações e povos oprimidos consiste na eliminação do intercâmbio desigual, em pôr termo definitivamente ao jogo especulativo das nações industrializadas, desenvolvidas, que fixam preços baixos às matérias-primas e aos produtos primários dos países pobres e, em contrapartida, lhes vendem por preços abusivos equipamentos e bens de capital. Através do comércio desigual as duas superpotências controlam a economia dos povos subdesenvolvidos e dos em desenvolvimento e procuram impor-lhes sua hegemonia. De modo que, na medida em que persistir essa desigualdade a tendência é para o aumento da resistência desses povos contra a espoliação e a opressão.

O procedimento da União Soviética, na questão do comércio como nas demais, desde sua infame reviravolta em direção ao social-imperialismo, é identico aos dos países capitalistas, ao de todos os comerciantes burgueses. Sua voracidade é muito grande, pois ela se gulga com maiores direitos e não está suficientemente desmascarada. Já dizia Pedro, o Grande, que um só traficante russo seria capaz de enganar três judeus. O novo burguês revisionista da URSS possívelmente terá maior astúcia. Para açambarcar o mercado brasileiro e avassalar nosso país, usará todo o tipo de artimanhas e concessões aparentes. Devemos agúçar nossa vigilância. Lembremo-nos de que já se foram os tempos de Lênin e de Stalin, quando o comércio soviético tinha efectivamente caráter socialista, era mutuamente vantajoso, beneficiava o desenvolvimento independente do país que negociasse com a URSS e contribuia para a edificação do socialismo. Hoje, no entanto, não se precisa ser muito arguto para perceber que a política dos dirigentes russos, tanto no terreno comercial como em outros campos de suas relações com o Brasil, persegue propósitos imperialistas. Suas barganhas visam sempre a conquistar esferas de influência, explorar as massas trabalhadoras, arrancar lucros, ajudar as forças reacionárias, em suma, desalojar seu competidor, o imperialismo norte-americano, a fim de entronizar-se em seu lugar como dominador único e exclusivo.

Tal alternativa não convém absolutamente ao povo brasileiro que luta para se livrar da dominação imperialista.

Unidade entre os partidos Marxistas-leninistas do Brasil e da Argentina

Publicamos abaixo a Declaração Conjunta assinada pelas delegações dos Comitês Centrais de Vanguarda Comunista da Argentina e do Partido Comunista do Brasil. Essa declaração resultou de um encontro realizado em Tirana quando do 30º aniversário do triunfo da revolução popular da Albânia. Expressa a opinião dos dois partidos irmãos que atuam em terras vizinhas sobre problemas da luta comum em seus países e na América Latina. A Comissão Executiva do Comitê Central de nosso Partido aprovou com satisfação esse importante documento, que só agora torna público devido a circunstâncias alheias à nossa vontade.

Sempre defendemos, como fato altamente positivo, o intercâmbio de opiniões e a troca de experiências entre os partidos do proletariado. Realizado num clima fraternal, de respeito mútuo e completa igualdade, esse intercâmbio pode ajudar imensamente a luta contra os odiados inimigos dos povos e da revolução. Permite observar melhor, sob diferentes ângulos, o verdadeiro curso dos acontecimentos, facilita a retificação de posições errôneas, enriquece nossa tática de combate. A ajuda recíproca nos encontros interpartidários é uma forma de desenvolver o movimento revolucionário, elevar a consciência política, impulsionar o exame teórico de questões complexas. É também um meio de proporcionar melhor conhecimento pessoal dos combatentes de vanguarda, de avaliar nossas forças e deficiências.

Brasil e Argentina têm problemas distintos e igualmente problemas comuns. Os problemas distintos surgem históricamente de interesses das classes dominantes e dos grupos imperialistas que atuam nesta parte da América. As questões comuns originam-se dos interesses fundamentais de seus povos e trabalhadores. Num e noutro país, a tática não pode ser a mesma. Mas as metas a alcançar, sim. Em torno destas metas procuraremos unir nossas forças, reunir nossos povos e, juntos, assestar golpes certeiros dirigidos contra um mesmo alvo.

É sabido que a ditadura militar estende cada vez mais seus tentáculos sobre certas regiões do Hemisfério. O Brasil já participa da exploração e opressão de povos vizinhos. Por sua vez, os governantes argentinos reagem, não para defender esses povos, mas para assegurar a influência e o domínio da Argentina nessas regiões. Dessa disputa nascem conflitos que nada têm a ver com os interesses das nações argentina e brasileira. Opômo-nos energicamente a tais conflitos. Levantemos bem alto a bandeira da libertação de nossas pátrias, anseio também

das grandes massas de todo o Continente. Somos adversários irreconciliáveis da ditadura e da política expansionista que realiza.

Lutando pela verdadeira independência nacional, os povos do Brasil e da Argentina enfrentam o imperialismo norte-americano — o maior espoliador e opressor da América Latina. Jamais seremos livres sem derrotar esse inimigo mortal e seus lacaios. Ao mesmo tempo, estamos atentos aos esforços que fazem os social-imperialistas russos para penetrar no Continente. Pretextando amizade e desejo de ajudar, tentam implantar aqui novas formas de dominação e espoliação imperialistas. Cerramos fileiras contra os exploradores dos Estados Unidos e da União Soviética. E juntamo-nos a todos os novos no combate a essas duas superpotências que disputam a hegemonia mundial.

Tem, assim, grande importância a Declaração Conjunta de fins de 1974. Abordando questões palpitantes e sentidas, constitui passo seguro no caminho da unidade de pensamento e de ação dos marxistas-leninistas do Brasil e da Argentina.

O encontro de Tirana vem igualmente fortalecer nossos Partidos porque reforça suas posições políticas. Quando se luta em duas frentes — contra a reação e os imperialistas e contra o revisionismo contemporâneo, ou seja, contra os inimigos abertos que submetem nossos povos e os inimigos encapuçados que procuram impedir a vitória da revolução, nada é mais valioso do que o fortalecimento dos partidos proletários. A vanguarda marxista-leninista da classe operária é a única força consequente no combate aos imperialistas norte-americanos e soviéticos, somente ela tem condições de desmascarar até o fim os revisionistas, instrumentos da política russa, auxiliares da burguesia, bombeiros da revolução. Nenhuma outra força pode substituir a classe operária e seu partido na missão histórica que lhe está reservada. Por isso consideramos de enorme importância o entendimento, o apoio mútuo, o trabalho comum nos campos político e ideológico entre as organizações comunistas . Julgamos igualmente da maior relevância a defesa intransigente da unidade partidária. Tudo que contribui para dividir os marxistas-leninistas é nocivo. Desta forma, buscamos com firmeza assegurar a hegemonia do proletariado no processo revolucionário.

Manifestamos grande contentamento pelo intercâmbio de idéias mantido com camaradas de Vanguarda Comunista da Argentina. Intrépido partido da classe operária, Vanguarda surgiu e firmou-se na arena política lutando contra o revisionismo contemporâneo e pelos interesses fundamentais dos trabalhadores e da nação irmã. Em suas fileiras militam os melhores filhos do povo argentino, homens e mulheres decididos a empunhar com honra a imortal bandeira de combate erguida faz cento e vinte e sete anos por Marx e Engels, sustentada mais tarde por Lênin e Stalin, desfraldada triunfalmente pelos camaradas da China Popular, da Albânia Socialista e de muitos outros países. Reconhecemos em Vanguarda Comunista o verdadeiro partido marxista-leninista da Argentina. Embora não seja ainda numericamente forte, planta os alicerces para tornar-se a força capaz de aglutinar as amplas massas operárias e populares e dirigir a revolução no sul do Continente, onde amadurecem as condições propícias à vitória do movimento nacional e democrático.

Declaração Conjunta

As delegações dos Comitês Centrais do Partido Comunista do Brasil e de Vanguarda Comunista da Argentina que participaram dos festejos do 30º aniversário da libertação da Albânia aproveitaram seu encontro para realizar uma série de intercâmbios de opiniões sobre temas de interesse comum.

As reuniões efetuaram-se cercadas do júbilo com que o povo albanês comemorou a conquista de sua efetiva independência, o estabelecimento do poder popular e as grandes vitórias que obteve ao longo destes trinta anos na defesa do marxismo-leninismo, da revolução socialista e da construção do socialismo, bem como no apoio à luta revolucionária dos povos do mundo. Ambas as delegações compartilharam desse júbilo.

Em seu intercâmbio de ideias, reiterou-se a unidade de princípios, a unanimidade de pontos-de-vista acerca da atual situação mundial e a posição dos dois Partidos. As conversações desenvolveram-se num clima pleno de fraternidade revolucionária.

A delegação de Vanguarda Comunista da Argentina assinalou em particular seu total respaldo à luta dos operários, camponeses, intelectuais, estudantes e demais patriotas e democratas brasileiros contra a ditadura militar-fascista e pró-norteamericana hoje encabeçada pelo general gorila Geisel. Destacou o papel de vanguarda que nessa luta joga a resistência armada dos camponeses e outros patriotas do sul do Pará, com as Forças Guerrilheiras do Araguaia à frente. Ratificou sua alta valorização do glorioso Partido Comunista do Brasil, primeiro partido marxista-leninista a reorganizar-se na América do Sul depois da traição dos dirigentes revisionistas que seguiram o caminho dos renegados soviéticos, como Prestes e Codovilla, partido fiel até o fim aos interesses da classe operária brasileira e do internacionalismo proletário. Reiterou também as condolências pela morte heróica dos inesquecíveis camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Lincoln Roque e dos demais camaradas tombados na luta por um Brasil independente e democrático que mais cedo que tarde será realidade.

A delegação do Partido Comunista do Brasil manifestou sua completa solidariedade com os combates do povo argentino contra a conspiração pró-norteamericana em desenvolvimento, contra a política reacionária e antipopular do governo peronista, pela efetiva independência, liberdade e bem-estar dos trabalhadores. Destacou o particular alento com que acompanhou as grandes lutas operárias, camponesas, estudantis e de outros setores populares argentinos nos últimos anos e valorizou em alto grau o fato de que nas mesmas tenha jogado um relevante papel e se haja consolidado o verdadeiro partido da classe operária argentina, o partido irmão Vanguarda Comunista, porta-bandeira fiel do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Manifestou sua gratidão pelo grande apoio que Vanguarda Comunista prestou às jornadas de solidariedade

aos dez anos de luta contra a ditadura militar brasileira, que foram celebradas em Buenos Aires e outras cidades do país em abril deste ano.

Ambas as delegações coincidiram na afirmação de que os povos brasileiro e argentino estão unidos por um passado de lutas contra os colonizadores, por um presente de confrontação com o imperialismo ianque e seus lacaios, por incontáveis laços culturais e amistosos. Ratificaram a política dos dois Comitês Centrais de opor-se resolutamente a qualquer intento reacionário de semear hostilidade entre nossos povos irmãos, de apoiar decididamente a solidariedade mútua na luta contra seus inimigos. Igualmente reiteraram a unidade indestrutível e eterna do proletariado argentino e do proletariado brasileiro de gloriosas tradições de luta internacionalista.

Ambas as delegações salientaram as excelentes relações que existem entre os dois partidos, baseadas solidamente nos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, forjadas ao longo de anos de ajuda e respeito mútuos, animadas pela determinação comum de contribuir para o fortalecimento e a unidade do movimento comunista internacional que tem no Partido Comunista da China, dirigido pelo camarada Mao Tse-tung, e no Partido do Trabalho da Albânia, dirigido pelo camarada Enver Hodja, seus destacamentos mais avançados.

As delegações encerraram suas deliberações intercambiando saudações fraternais para os respectivos Comitês Centrais, seguras de que a grande luta comum pela independência nacional, pela democracia popular, pelo socialismo e pelo comunismo os encontrará sempre combatendo ombro a ombro na mesma trincheira.

Tirana, 14 de dezembro de 1974
Delegação do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao 30° aniversário da libertação da Albânia
Delegação do Comitê Central de Vanguarda Comunista da Argentina ao 30° aniversário da libertação da Albânia

Mensagem De Condolências

Ao Comitê Central do Partido Comunista da Birmânia

Prezados camaradas

Com profundo pesar os comunistas brasileiros tomaram conhecimento da morte em combate com as tropas da reação birmanesa, no passado mês de março, dos camaradas Takin Zin e Takin Chit, presidente e secretário-geral, respectivamente, do valoroso Partido Comunista da Birmânia, A infausta notícia consternou as forças revolucionárias de nosso país, pois o desaparecimento de tão destacados lutadores constitui pesada perda para a causa libertadora do povo birmanês e das nações oprimidas pelo imperialismo e seus lacaios. Os camaradas que tombaram heroicamente desempenhavam relevante papel na condução do movimento de emancipação nacional e social de sua pátria, eram provados líderes proletários, sustentáculos das posições marxistas-leninistas contra a vil traição do revisionismo contemporâneo, defensores da unidade do proletariado e dos povos oprimidos do mundo inteiro na luta contra o hegemonismo das duas superpotências, o colonialismo e o neocolonialismo.

Em face de tão doloroso acontecimento, transmitimos por vosso intermédio nossas condolências aos comunistas da Birmânia e ao valente povo irmão. O Partido Comunista do Brasil inclina reverentemente suas bandeiras de luta em memória dos camaradas Takin Zin e Takin Chit e exprime sua solidariedade proletária aos intrépidos combatentes birmaneses. Lutando na mesma trincheira da libertação nacional e do progresso social, enfrentando idênticos inimigos, avaliamos o significado do golpe sofrido. Estamos certos, porém, de que, longe de desanimar e debilitar as forças populares o sacrifício desses denodados camaradas multiplicará e reforçará as fileiras revolucionárias, incentivará vossa determinação de levar avante, até a vitória completa, a luta pela derrubada do regime reacionário e pseudo-socialista de Ne Win. O exemplo de suas vidas inspirará novas façanhas a todos os que pugnam pela causa da independência, da democracia e do socialismo na Birmânia e em todos os países do Globo.

Saudações comunistas
O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Depoimento sobre o Araguaia

José Genuíno Neto, condenado a 5 anos de prisão pela Justiça Militar no processo instaurado contra o Partido Comunista do Brasil, enviou uma carta ao Juiz da 1a. Auditoria da 2a. CJM, em S. Paulo, antes do julgamento, considerando-a como contribuição à sua própria defesa. Transcrevemos a seguir trechos dessa corajosa carta, extraídos dos autos, lamentando não poder publicá-la integralmente dadas as dificuldades para conseguir o texto completo.

Genuíno Neto, ex-estudante de Direito, preso no Araguaia em meados de abril de 1972, assistiu a uma parte das barbaridades cometidas pelas Forças Armadas contra os moradores do sul do Pará. Durante dois anos foi submetido a torturas físicas e morais. Em sua carta ele relata os acontecimentos que presenciou naquela região e destaca as injustiças e os crimes cometidos contra o povo, a grilagem oficializada, a entrega do solo e das riquezas da Amazônia a poderosos grupos internacionais.

Começa explicando porque foi para o Araguaia. "Diante do terror policial generalizado, perseguido e ameaçado de prisão, impedido de prosseguir os estudos e assistindo o país enveredar mais e mais no caminho do fascismo, deixei a cidade e fui morar no interior do Pará, no município de S. João do Araguaia, região na qual permaneci de 1970 até abril de 1972, quando fui preso. Lá vivia da lavoura: com meus próprios recursos adquiri uma posse, abri uma roça e constituí um casebre, obtendo, assim como a maioria dos moradores daquela região, o mínimo indispensável para sobreviver''.

Fala depois das dificuldades ali existentes."Os moradores da Amazônia vivem abandonados e suas lavouras ficam entregues inteiramente às condições da natureza: se são boas, tudo dá certo, se aparece algum imprevisto, tudo se perde. Em várias ocasiões os lavradores perderam todo o seu trabalho, devido à grande incidência de doenças e pragas em suas lavouras. A malária e outras doenças impedem-nos de cultivar ou de colher suas roças. É baixo o nível de alimentação e muitos sofrem os males de desnutrição. Os únicos instrumentos com que contam para o trabalho são o machado, o facão e uma espingarda para paçar. Não recebem nenhuma ajuda ou qualquer assistência e quando aparecem os representantes do poder público é só para cobrar impostos e fazê-los passar vexames''(...) "Nem mais à terra o povo daquela região tem direito. Os grandes proprietários, com seus projetos aprovados pela SUDAM e protegidos pela política de incentivos-fiscais, intensificam na Amazônia o que já é comum no resto do Brasil: a grilagem. Os moradores expulsos de suas terras, muitos dos quais ali trabalhavam há mais de 20 anos, vêem suas glebas sendo povoadas pelos grandes rebanhos bovinos. O solo está dominado e dividido. Mede-se terras de avião e planta-se capim de helicóptero. É a era dos impérios amazônicos!''

Adiante, indaga: "Estou sendo acusado como criminoso. Eu pergunto: quem são os criminosos no Brasil? Quem deve ser julgado perante o povo e a pátria como os maiores criminosos que a História do Brasil já conheceu?" E responde: "O governo que tanto fala em 'segurança nacional' é quem mais tem cometido crimes contra ela. Crimes voltados contra o povo e sua pátria. Guiados por interesses antinacionais e antipopulares,o governo dos militares emprega todos os meios para facilitar a entrega da Amazônia e do nosso país ao odioso jugo do imperialismo".(...) "Para garantir essa política de traição aos interesses do povo e da nação brasileira, o governo militar estende a Amazônia à força de que precisa para se manter no poder e preservar o latifúndio e a dominação estrangeira. O Exército instalou ali unidades que atuam como verdadeiros bastiões contra o povo. O terror policial espalhou-se na região. Os agentes disfarçados tomam as armas de caça, instrumentos de sobrevivência dos moradores da mata, prendem e torturam aqueles que, apontados pelos latifundiários e grileiros,são considerados perigosos. A melhor ocasião para a prática destes atos criminosos vem sendo a realização de manobras antiguerrilheiras, que, a partir da abertura da Transamazônica, tornaram-se rotina naqueles outrora tranquilos povoados. Nesta região, as Forças Armadas encontram suas tropas auxiliares: os pistoleiros, capangas, bate-paus, grileiros, capatzes,etc. Quando os moradores exigem seus direitos e resistem à exploração e às humilhações, eis que os capangas, a Polícia Militar e as Forças Armadas estão prontos para cumprirem sua missão: perseguir e matar aqueles que defendem seus direitos, exigem respeito à sua liberdade e não aceitam a tirania".

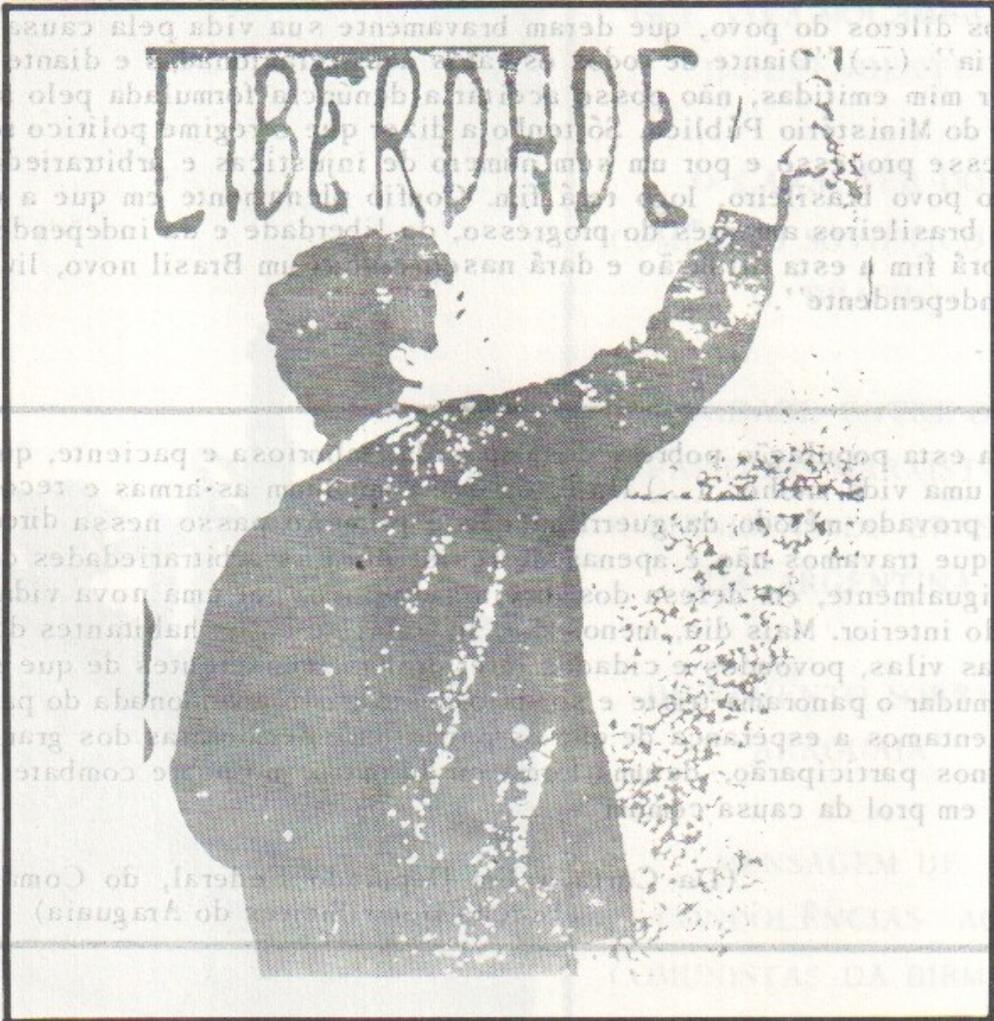
A seguir narra o ataque aos moradores do sul do Pará: "Em abril de 1972, instalaram-se em Xambioá, Araguatins, Conceição do Araguaia, São Geraldo e outras cidades batalhões do Exército e agentes do CODI, CENIMAR, CIE e Polícia Federal. Fardados e em trajes civis começaram a formar bandos com capangas, pistoleiros e bate-paus para iniciarem uma verdadeira caçada às pessoas que viviam no interior da mata. No dia 15 de abril, quando voltava para a minha morada, fui preso por um desses bandos. Amarrado numa árvore durante dois dias e uma noite passei a receber pancadas em todo o corpo, choques elétricos, 'telefones' nos ouvidos, 'pau-de-arara' e afogamentos. Isto se passou tanto comigo como com outros moradores que estavam presos".(...) "Depois de passar um mês em Brasília, no presídio do PIC, continuei sendo torturado por vários dias, agora com uma diferença: colocavam-me um capuz na cabeça, única forma de impedir-me de ver os torturadores. Em fins de maio, fui novamente levado para Xambioá. De maio para o início de junho esta cidade estava transformada em zona militar cercada de arame farpado e dirigida pelos "Rangers", os 'boinas-verdes' brasileiros. Iniciou-se então um novo processo de tortura, agora em lugar apropriado, a chamada "barraca dos oficiais", onde estavam os paraquedistas do Rio de Janeiro. Os presos encontravam-se em buracos de 8m3, ou amarrados em árvores ou em cima dos caminhões do Exército. Era comum nessa base ouvir-se os gritos de pessoas que ali eram torturadas. Nessa mesma época, morre em consequência de 'enforcamento', o lavrador Lourival Paulino".

(...) "No dia 29 de maio, chegou arrastado à base de Xambioá um lavrador, que ficou amarrado comigo, em cima de um caminhão do Exército, já com o rosto inteiramente deformado. Fora obrigado a guiar um grupo de paraquedistas pela sel-

va, mas aconteceu que os soldados que o conduziam chocaram-se com outro grupo de militares, integrantes do 2° Batalhão de Infantaria de Selva, de Belém. Como do choque armado resultasse gravemente ferido um sargento paraquedista, os soldados atarantados e como que pretendendo justificar-se de sua própria incapacidade, jogaram sobre o humilde lavrador a responsabilidade pelo desconcertante incidente, transformando sua fúria em torturas violentas. No dia 5 de junho, aquela base militar entrou em pânico: um grupo de paraquedistas havia-se encontrado com um grupo de moradores da selva, travando-se entre ambos intenso tiroteio, do qual resultou gravemente ferido um tenente paraquedista e morto um dos moradores. Este era Bergson Farias, homem digno e grande amigo meu. Ao chegar à base o seu corpo metralhado, presenciei vários torturadores chutando-o e vociferando raivosos: "Este... morreu mas matou um tenente e defendeu a vida de quatro de seus companheiros" (...) "Entre soldados e oficiais ouvia-se gritos de que a cabeça de Osvaldo Orlando da Costa, o Mineirão, estava a prêmio. Procuravam-no como um dos comandantes do povo daquela região, que naquela ocasião dava início à resistência contra as violências e arbitrariedades das forças policiais e militares. O ódio maior que devotavam a Osvaldo devia-se ao fato de ser ele muito querido e conhecido pelos moradores". (...) "A guerra espalhava-se, voltada principalmente contra os trabalhadores resistentes nos pequenos povoados e no interior da mata: as cidades à margem do Araguaia estavam ocupadas militarmente e predominava a arrogância militar; casas e roçados dos moradores eram queimados; helicópteros com metralhadoras ponto 50 metralhavam casas, roças e regiões da mata; em algumas zonas empregavam napalm e lança-chamas. Lanchas com metralhadoras patrulhavam o rio e as estradas estavam bloqueadas. As prefeituras municipais são ocupadas por oficiais do Exército, lugarejos e vilarejos são transformados em campos de guerra e exige-se salvo-conduto fornecido pelo Exército para quem vive na mata ou lá se movimenta. Ainda em junho de 1972, os paraquedistas assassinaram à baioneta e friamente o jovem Kleber Gomes. Tal foi a bravura desse jovem que, no momento em que recebia os golpes, gritou várias vezes: "Viva o povo e Abaixo a ditadura!". (...) "No dia 7 de junho fui torturado durante uma tarde inteira devido ao aparecimento de panfletos entre a população, assinados pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia, falando da miséria, do abandono e do atraso da população daquela região, combatendo os grileiros e as grandes companhias norte-americanas, denunciando as atrocidades das Forças Armadas, responsabilizando o regime dos militares por tudo que vinha acontecendo e conclamando o povo à resistência e a união". "No dia 9 de junho fui novamente levado para Brasília, ali permanecendo incomunicável até janeiro de 1973. Interrogaram-me sobre emboscadas montadas contra o Exército e sobre a morte do Sargento Mário Abraim da Silva, ocorrida no dia 28 de setembro, atingido por um tiro no momento em que, no interior da mata, acendeu durante a noite a sua lanterna. Voltei a ser interrogado sobre a morte de um cabo do Corpo da Guarda, quando tentava montar uma emboscada contra um grupo de lavradores nas proximidades de Santa Isabel.

Em outubro, respondi a novo interrogatório sobre uma carta que, segundo os militares, o Comando das Forças Guerrilheiras havia enviado a um deputado federal". "No dia 11 de janeiro de 1973, fui transferido para São Paulo, permanecendo por mais quatro meses incomunicável. No DEOPS, fiquei dois meses no cha-

mado 'fundão', recolhido à solitária. Ao meu lado estava um outro preso político chamado Edgar de Aquino Duarte. Encontrava-se preso há dois anos na mais completa incomunicabilidade. Sobre ele pairava a ameaça de morte". (...) "Na prisão em São Paulo, constatei, mais uma vez, que a violência e o assassinato o desaparecimento de patriotas e democratas são práticas comuns do atual regime. Dos porões do DOI (ex-OBAN) continuam saindo corpos mutilados dos que heroicamente resistem aos algozes do povo. Foi assim que morreu em dezembro de 1972, Carlos Nicolau Danielli que, antes de perecer, escreveu com seu próprio sangue numa das celas em que ficou: "Este sangue será vingado".

Na parte final da carta de Genuíno Neto, lê-se: "Sr. Juíz, acusam-me de pertencer a um destacamento guerrilheiro do sul do Pará. A bem da verdade, tenho a relatar o seguinte: é do conhecimento de todas as pessoas daquela região a vida dura e difícil que eu levava, dedicando-me ao trabalho, lutando para sobreviver, da mesma forma como vive toda a população. Então fui preso. Só um mês após a data da minha prisão, na base militar de Xambioá, tomei conhecimento de

que muitos moradores estavam sofrendo arbitrariedades iguais às que sofri e até piores. Estavam sendo presos arbitrariamente, torturados e mortos pelas forças do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar do Pará. Soube, também, que inúmeros moradores, que jamais conheceram tanta violência, não se dobraram às perseguições e, resistindo à tirania, organizaram-se em forças guerrilheiras. Escolheram, assim, o caminho da dignidade, da resistência e da luta". (...) "Avaliando a situação de guerra que predomina, hoje, no sul do Pará, diante do verdadeiro massacre que é praticado contra o povo e perante as tentativas de amordaçá-lo pela força das armas que defendem interesses antinacionais e antipopulares, nada mais justo que a atitude daqueles moradores de resistir à investida do Exército e a todas as tentativas posteriores no sentido de esmagá-los;afirmo que, caso não tivesse sido preso, teria seguido o mesmo caminho, ao lado daqueles que, de armas na mão, resistem heroicamente à tirania do governo e trilham o caminho que levará o povo brasileiro à vitória sobre a repressão fascista, à derrubada da ditadura e à conquista de um governo democrático e um regime novo que resolva os graves problemas que afligem a nossa pátria". "Admiro e presto minha homenagem aos que ali deram sua vida heroicamente, derramaram seu sangue, como muitos democratas e patriotas que pugnam por um Brasil livre e uma sociedade nova. Entre eles estão Bergson Gurjão, Ciro Salazar, Helenira Resende Nazareth, Kleber Gomes, Maria Lúcia Petit e Lourival Paulino. São filhos diletos do povo, que deram bravamente sua vida pela causa do povo e da pátria". (...) "Diante de todos os fatos aqui relacionados e diante das opiniões por mim emitidas, não posso aceitar a denúncia formulada pelo sr. representante do Ministério Público. Só tenho a dizer que o regime político responsável por esse processo e por um sem número de injustiças e arbitrariedades que afligem o povo brasileiro, logo terá fim. Confio plenamente em que a união de todos os brasileiros amantes do progresso, da liberdade e da independência nacional porá fim a esta situação e dará nascimento a um Brasil novo, livre, próspero e independente".

"Toda esta população pobre e desamparada, laboriosa e paciente, quer e tem direito a uma vida melhor. (...) Hoje, os que empunham as armas e recorrem ao antigo e provado método da guerrilha dão o primeiro passo nessa direção . O combate que travamos não é apenas de resistência às arbitrariedades do governo mas, igualmente, em defesa dos direitos do povo, por uma nova vida para os homens do interior. Mais dia, menos dia, levantar-se-ão os habitantes das zonas rurais, das vilas, povoados e cidades interioranas, conscientes de que só assim poderão mudar o panorama triste e sombrio desta parte abandonada do país. Também alimentamos a esperança de que os patriotas e democratas dos grandes centros urbanos participarão, de uma forma ou de outra, no nobre combate que sustentamos em prol da causa comum".

(Da Carta a Um Deputado Federal, do Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia)